

A QUESTÃO DA FUNDAMENTAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA HISTÓRIA NA PÓS-MODERNIDADE

FERNANDA SANTOS TOMAZELA/ PIBIC/CNPq
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
fernandasantostomazela@hotmail.com

1- INTRODUÇÃO

Pretende-se com esse trabalho discutir as novas possibilidades de interpretação da História no âmbito da pós-modernidade. Assim, o objetivo é tentar caracterizar a pós-modernidade em seu contexto geral.

Nosso propósito é expor como se deu o advento da chamada *Nova História*, que se inicia com o movimento do grupo do *Annales* na França. Fazendo o uso de autores como Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas (1997) em *Domínios da História*, Peter Burke (1992) em *A Escrita da História* e alguns apontamentos de Michel de Certeau presentes em *A Escrita da História*, entre outros.

Cabe ressaltar que antes de discutir sobre a pós-modernidade, primeiramente, pretende-se caracterizar o surgimento da História Moderna, que tem sua origem nos fundamentos da razão moderna iniciada na Europa por volta do século XVII e, como esta, marca uma crise da consciência medieval. Para tanto escolhemos como referencia básica o marxismo para a caracterização da História moderna.

2- MATERIAL E MÉTODOS

Em primeiro lugar com o intuito de caracterizar o estatuto da História moderna mais especificamente, o marxismo, recorreu-se à análise de obras de autores como: Leda Dantas (2004) (*A concepção moderna da História como Palco da emancipação do espírito e do homem – Hegel e Marx*), José Paulo Netto (1985) (*O que é Marxismo*), H. Arendt (1979, 2.^a Ed.) (*Entre e Passado e o Futuro*), C. Flamarion (1997) (*Domínios da História*) e outros. Com Arendt e Flamarion veremos quais eram os principais conceitos da História moderna, que a partir do paradigma iluminista pretendia uma história objetiva, racional e universal. H.

Após a caracterização da História moderna com o marxismo, pretende-se destacar de forma breve como essa mesma razão entra em crise na filosofia e na ciência. Para isto, foi utilizado obras de filósofos como Frederic Nietzsche e Heidegger. Após explicitarmos a crise da razão moderna partiremos para análise da História pós-moderna com a emergência do grupo dos *Annales*.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fundamentos epistemológicos da História na modernidade

Hannah Arendt em sua obra *Entre o passado e o futuro* ao abordar os fundamentos da História na modernidade afirma que esta, brotou juntamente com as ciências naturais desenvolvendo-se com o projeto das novas descobertas e exploração do mundo no início da época moderna. Portanto, a História moderna nasce como ciência tentando responder a exigência de controle e domínio da razão moderna. Curiosamente, no século XIX esta lança-se em uma tentativa de se desvincular das ciências naturais que tentava copiar há séculos. Mas seu problema ainda seria o da objetividade científica, procurando a imparcialidade do pesquisador e a refutação do rótulo de ser literatura. Todavia, Arendt (1979, p. 80) afirma

“que a não-discriminação que eliminava atribuição de louvor ou reprovação era tarefa mais fácil do que a não-interferência, a qual a História estaria sujeita.” Contudo é exatamente nesse ponto que a ciência da História adquire a base para fundamentar seus pressupostos científicos. Na época moderna o que afastava definitivamente a História das ciências naturais era o fato de que muitos autores, como Droysen [Influenciou historicismo de Dilthey] em *Manual de teoria da história*, que acreditava que somente as coisas tocadas, moldadas ou cunhadas pela mão humana se “iluminariam” novamente aos nossos olhos [Tese de Vico – Só podemos conhecer o que produzimos]. Portanto, a história seria um campo em que o homem poderia encontrar a verdade, pois se tratava de algo que ele mesmo construiu, diferente da natureza que ainda a maioria dos filósofos atribuíam sua criação ao grande arquiteto do universo e sobre ela poderíamos compreender apenas partes.

Na época moderna, nada seria mais importante segundo Arendt do que, a questão da existência de processo em História. A história não mais serviria para contar feitos dos grandes homens, sofrimentos ou fatos que consideravam relevantes para suas vidas. A História se tornou um processo global, daí a idéia de universalidade, pois esses processos eram criados pelos homens como um todo. O estudo de situações particulares ou de fatos peculiares não contribuía para uma construção e entendimento das causas últimas, logo, o particular ficaria meio que a margem. Voltando a idéia de processo, e este como uma construção de uma história universal, ou total, nos deparamos com a concepção da História em Marx. No que diz respeito a palavra construção, em Marx encontramos o conceito de ação, de fazer, fabricar história. Logo eram os homens efetivos em estado de sujeitos ativos que produziam a história e nesse processo que surgiria sua consciência como sujeito histórico. Portanto, a relação homem e natureza seria dialética: o homem faz e é feito pela história. E começa a fazer história por uma necessidade básica de produzir e reproduzir as condições materiais de sua existência, transformando a si mesmo e a natureza pelo trabalho.

Arendt deixa explícito que havia uma significativa questão que diferenciava Karl Marx dos demais filósofos e teóricos. Assim tanto Vico quanto Hegel atribuíam importância a um conceito de História fundado em bases teóricas e jamais aplicaram o princípio da ação como construção histórica. Então é Marx que surge com essa diferença. Ele efetiva a dialética de Hegel como o entendimento de toda a História, porém, substitui a base principal que daria impulso à história, trocando as idéias pela ação, e esta seria o que determinava toda a vida, a consciência e a história. Essa ação e o fazer história estaria fundada na luta de classes.

O estatuto da História na modernidade seguia o paradigma iluminista, sendo assim a aplicação dos conceitos de uma história que se pretendia racional, científica e verdadeira, vinha romper com as definições de história narrativa e poética. E nesse sentido que Weber ia apontar o distanciamento do homem com a religião. Segundo Ciro Flamarion Cardoso (1997) o marxismo e o grupo dos Annales (1929-1969) eram as principais vertentes desse paradigma iluminista. Para essas vertentes o ponto de partida para obter o conhecimento, acreditando em uma história científica, opondo a idéia de história como uma narrativa, passa para o que Ciro Flamarion chama de história-problema a qual permitiria o surgimento de hipóteses. Assim temos como característica da concepção moderna de História o estudo do macro, ou seja, do emprego de modelos macro-teorizantes e estrutural em oposição a fatos isolados ou da micro-História. O marxismo vinha para apresentar a história de mudança social, essa mudança implicaria na tomada de consciência e de transformação da realidade social que estariam submetidas a leis universais. Essas leis seriam cognoscíveis e a verdade era revelada independente do sujeito. Aqui se aplica a idéia de realismo, evolucionismo, da dialética como mudança. É importante frisar aqui que a História moderna possuía várias vertentes, dentre elas o positivismo [ou Escola Metódica] trabalhando com uma história bastante focalizada na política, temos também o surgimento de vertentes sociais e culturais como o caso dos

Annales, mas que apresentavam fortes características marxistas e o próprio marxismo como uma corrente de grande influência e que passamos a caracterizar melhor a seguir.

A questão da Crise da razão moderna

Autores como Nietzsche e Heidegger, por exemplo, ousaram desconstruir os princípios da razão moderna. Eles destronam o sujeito pensante cartesiano, e é sobre os fundamentos dessa crítica que nos ateremos nesse momento. A crítica de Nietzsche atinge as ações daquele sujeito pensante que teria a consciência de si mesmo e de sua existência. A consciência é falsa, uma ilusão, sendo assim de nenhuma forma é possível esgotar as possibilidades do real. Com essa afirmação Nietzsche desconstrói o discurso científico, ou seja, verdadeiro, postulado pela razão moderna. A razão e a ciência, sua mais nobre criação, não passariam de uma astúcia, um meio que a natureza deu a esse frágil animal chamado homem.

Mas o foco da crítica de Nietzsche se direciona a moral e os valores criados pela humanidade. Mais propriamente, ao elemento diferencial que estariam na origem de nossos valores e avaliações. O homem não é uma pura objetividade capaz de se desvincular de sua vida cotidiana e assim analisá-la como um sujeito puro e desencarnado. Sendo assim o sujeito pensante não é movido por um sistema cognitivo racional e livre, mas sim por forças irracionais inconscientes, forças ativas ou reativas, que afirmam ou negam a vida. Se a verdade, o bem, o belo, o ser, a razão e próprio sujeito não passam de ilustrações criadas por esse sujeito que é condicionado a animalidade, logo o conhecimento produzido por ele pode também não passar de uma mera ilusão, uma farsa. E se o erro for o seio materno do conhecimento? Quem garante que o conhecimento tem uma aptidão natural à verdade? O que é a verdade, senão um batalhão móvel de metáforas? *Quem avalia e de onde avalia o que é a Verdade, o Bem e Belo?*

Fica claro, pois, que na concepção de Nietzsche a consciência do homem moderno com a ilusão de conhecer a si mesmo e o mundo, conceber a existência divina e ainda desejar representar todas as coisas de acordo com o que lhe for mais conveniente, dizendo ser verdadeiro e bom, só faz do homem um animal arrogante e vaidoso.

A razão moderna traía seus próprios ideais. De uma razão emancipadora, que prometia libertar o homem dos mitos, do fanatismo e dos determinismos naturais, a razão moderna se transformou numa razão instrumental a serviço do mero cálculo e planificação de tudo.

Para Heidegger, no âmbito do domínio planetário da técnica, a natureza se torna apenas figuras, objetos e relações determinadas por leis matemáticas. A era da técnica marca a hegemonia desse pensamento calculador sobre todas as coisas. Tudo se torna enumerável e verdadeiro segundo essa calculabilidade. Contudo, pergunta Heidegger, a compreensão das coisas se esgota nessa definição técnica e matemática do real? O fato é que o homem quando se firma como sujeito que conhece dá início a uma relação de domínio, seja do mundo natural ou humano, e tem a ilusão de pensar que esse domínio necessariamente significa progresso. *“A ciência banuiu o mistério de toda presença e de todas as distâncias, mas nem por isso nos colocou mais próximos às coisas e de nós mesmos”*. (HEIDEGGER, 1979a, p. 49). Heidegger anunciava o crepúsculo da era atômica e sabemos que esta já deu amostras de sua potência, sendo ainda obscura a razão dessa técnica destrutiva que traz em si o perigo travestido de progresso. A filosofia não poderia fazer nada, uma vez que ela se dilui nas ciências tecnizadas, mas ainda caberia ao pensamento pensar o perigo que se aloja na essência da técnica. Assim resta-nos tentar encontrar um caminho que reencante a natureza e aproxime o homem dele mesmo. Encontrando *“... a possibilidade da superação do caráter técnico-*

científico como única medida da habitação e da ação do homem no mundo". (HEIDEGGER, 1985, p. 80).

Crise da modernidade e advento da pós-modernidade.

Pretende-se mostrar aqui alguns aspectos básicos da pós-modernidade, seja no campo da filosofia, da ciência e da História. Com base em leituras de alguns autores [Jameson, Lyotard, etc.] que falam sobre o pós-modernismo, percebemos que este está intimamente ligado a uma crise que se deu na contemporaneidade em relação ao paradigma iluminista. Essa crise não se deu apenas no campo das ciências naturais e humanas (História), mas se abateu sobre toda a sociedade Ocidental e seu projeto técnico-científico. Portanto presenciamos uma crise geral, certo niilismo em relação ao modelo iluminista. Logo os conceitos de sociedade iluminista já não se aplicavam a sociedade contemporânea após as guerras, o nazismo, as armas atômicas de destruição em massa, os efeitos danosos da natureza, que rompia com a idéia de progresso infinito e bem estar social. O fato é que os modelos explicativos da modernidade baseados na idéia de verdade, leis universais e objetividade foram colocados em xeque pelo pós-modernismo apontando graves falhas em toda e qualquer meta-narrativa [filosofia, ciência, religião] com pretensões a universalidade e necessidade.

As repercussões da Pós-modernidade na sociedade contemporânea

Em primeiro lugar a pós-modernidade trouxe discussões que confrontavam aspectos da racionalidade moderna, como a crítica ao cientificismo e sua visão triunfalista de ciência como fonte reveladora da verdade. Segundo, na fase dita pós-industrial, onde parece não existir nenhum lugar que se encontre fora do sistema, por uma espécie de expansão global como afirma Frederic Jameson (1995), a pós-modernidade propõe certo pluralismo e multiculturalismo. Assim no primeiro ponto temos a oposição à metafísica e a rejeição de suas metanarrativas totalizadoras que em bases científicas apresentava uma verdade única, universal e absoluta. E no segundo temos a ascensão dos particularismos cultural e suas peculiaridades. Esses dois pontos se encontram na medida em que o discurso metafísico das metanarrativas impondo uma verdade absoluta e universal não seria capaz de amparar e explicar a pluralidade cultural. Daí o problema de linguagem, pois o que parece existir é uma pluralidade de narrativas específicas a cada cultura. É neste ponto que temos a questão da legitimação ou validação de tais narrativas, a muito criticadas pelo cientificismo. Logo a pós-modernidade passaria a atribuir, ou melhor, dizendo, passaria a respeitar e valorizar essas narrativas, discutindo a respeito de sua legitimação. Isso é o que vemos na obra de Lyotard (1989).

Lyotard vê-se que o saber científico sempre quis se distinguir desse tipo de saber narrativo e pelos seus critérios os invalidavam e os julgavam de forma pejorativa. Já que a ciência percorreria uma variedade de etapas para que certo enunciado ganhasse aceitabilidade científica. Com Lyotard vemos que a ciência fazia um isolamento de um jogo de linguagem, e este seria o denotativo, ou seja, o discurso possuiria um único significado linguístico, universal e objetivo. Aí se demonstrava a exclusão de outros tipos de linguagem.

História e Pós-modernidade

Portanto, a pós-modernidade afetou e trouxe diversos questionamentos sobre a sociedade de forma geral e para as ciências. Logo as ciências humanas não ficaram a margem destas transformações e da "revisão de conceitos" caros a essas disciplinas. Nossa tarefa aqui

é discutir a nova fase que a História esta passando e que se inicia mais ou menos nos anos 60 e toma força nos anos 90. Percebemos que essas transformações no campo da História se inserem no contexto pós-moderno, ou seja, no contexto das modificações do sistema capitalista e da sociedade, como aponta Jameson.

Essas transformações que pretendemos identificar dizem respeito também a uma crise que se deu na historiografia, a crise em relação ao paradigma tradicionalista e/ou iluminista culminado na ascensão da chamada Nova História, ou a *Nouvelle Histoire* nascida na França pelo movimento dos *Annales* e que hoje fazem eco em diversos países, inclusive no Brasil. O advento da Nova História trouxe a tona inúmeras discussões sobre novos objetos de estudo, métodos e o marco da aliança com outras disciplinas. Para expor alguns aspectos gerais dessas discussões pretende-se fazer uso de autores como Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas em *Domínios da História*, Peter Burke, e alguns apontamentos de Michel de Certeau em *A escrita da História*.

Ciro Flamarion denomina o paradigma ameaçado pela Nova História de moderno ou iluminista. Esse paradigma pretendia uma história racional e científica, com a aplicabilidade de “modelos macro-históricos e teorizantes”, uma história analítica, explicativa e estrutural. Sendo que o marxismo e o grupo dos *Annales* do período de 1929 a 1969 seriam as principais vertentes desse paradigma. A visão marxista de história afirma que a realidade é mutável e que as mudanças são submetidas a leis, as mudanças em certo período encontrariam um estado de equilíbrio, e a dialética intrínseca ao processo histórico garantiria as mudanças históricas possibilitando certa capacidade de previsão à ciência da história. (CARDOSO, 1997).

Para Peter Burke a Nova História seria aquela história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional. Descreve este último modelo como história rankeana (de Leopold Von Ranke), sendo assim a história tradicional diz respeito essencialmente à política, sempre preocupada com a narrativa dos acontecimentos, oferece uma visão de cima, concentrada nos grandes acontecimentos e nos grandes personagens, e por fim sua base se dava a partir de pesquisas documentais sendo sempre objetiva. (BURKE, 1992).

Inúmeros fatores provocaram uma crise na contemporaneidade, como as guerras e o advento de uma sociedade que atingiu um ápice tecnológico e rápida mutação, contribuíram para que o modelo tradicionalista histórico, principalmente no que se refere ao conceito de emancipação global não servisse mais para explicar a nova sociedade. Portanto, a Nova História começa a propor o estudo total, dando lugar a subjetividade, apoiando-se principalmente nos estudos culturais. Essa visão de história começa a se tornar mais coerente para amparar uma sociedade imprevisível, dando lugar a existência de múltiplas realidades no lugar de uma única explicação do real.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a difusão da noção de inconsciência de Freud, o estruturalismo de Lévi-Strauss e Roland Barthes, que estabelecia a existência de múltiplos sistemas de signos, ou sistemas de significação, que se impunham de fora aos indivíduos ou mesmo à coletividades e a influência das linhagens que iam de Nietzsche a Heidegger, passando por Husserl (fenomenologia e sua crítica) e de Kierkegaard a Sartre (o existencialismo) tiveram uma influência determinante na geração de historiadores que se seguiram o que acabaram modificando a concepção que estes tinham em relação à apreensão do passado, desenvolvendo, desde então novas releituras e reinterpretação da História a partir de novas fontes e objetos de estudo, calcados mais nas incertezas do que em certezas, epistemologicamente, calcadas na crítica da presença, em favor da *representação*; crítica da origem, em favor dos fenômenos; crítica da unidade, em favor da pluralidade; crítica a transcendência das normas, em favor de sua imanência; análise dos fenômenos mediante a alteridade constitutiva.(FLAMARION, 2005)

Nesta perspectiva, segundo Ciro Flamarion, na década de 1960, mas precisamente, a partir do ano de 1968,

a grande influência e aceitação de reação às sínteses [históricas] anteriormente valorizadas, sofreram os efeitos do estruturalismo, rebelaram-se contra suas pretensões científicas [do paradigma moderno], intelectuais como Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault e outros [...] trataram de anunciar o “fim” de várias possibilidades: de buscar a verdade, de um eu unificado, da fundamentação de sentidos inequívocos, de legitimação da civilização ocidental, de revolucionar em profundidade as estruturas sociais. (FLAMARION, 2005, p.79)

Ao contrário do século XIX, que era considerado como o da consolidação da técnica e da ciência e que, tem no homem, o principal personagem das mudanças e transformações na História, a segunda metade do século XX, assistiu “a morte do homem como sujeito e objetos privilegiados o que impossibilitaria a existência de ciências sociais que fossem verdadeiramente ciências. A História seria uma dessas ciências sociais.”(FLAMARION, 2005, p. 82)

Segundo Vainfas foram os historiadores da terceira geração dos Annales que começaram a trilhar definitivamente os caminhos da Nova História, tomando como objeto de estudo aquilo que não interessava a história moderna. Assim a historiografia francesa passa a exprimir uma mudança de preocupações da base socioeconômica ou da vida material para os processos mentais, a vida cotidiana e suas representações. Contudo antes que esses direcionamentos de estudo e a tomada de novos objetos como integrantes da historiografia parecesse mais coerente, a História se via mais uma vez acuada diante de certos críticos que chegam a proclamar o fim desta ciência. Isso ocorre quando o estudo principalmente do mental e do cultural vem à tona abrindo o dialogo com outras ciências como a Sociologia, Psicologia, Antropologia e com a linguística. Vainfas diz que esse diálogo com outras disciplinas na tentativa de uma interdisciplinaridade muitas vezes foi mal compreendido e confundido com transdisciplinaridade. Essa má interpretação faria com que a História perdesse seu sentido. Quanto a sua comunicação com a linguística pregava-se a diluição entre História e literatura, fazendo com que a primeira não passasse de uma ficção.

Desta forma, uma das principais discussões a respeito desse novo direcionamento histórico seria essencialmente sobre essa questão. Ou seja, se a história se igualaria a uma narrativa ou literatura ficcional. De acordo com esta crítica, a História apresentaria uma debilidade explicativa, incapaz de produzir um discurso verdadeiro e objetivo do real. A resposta então seria a concordância que os historiadores não possuiriam a capacidade de captar uma verdade absoluta, mas verdades.

Para os historiadores pós-modernos seria uma grande pretensão querer captar a realidade ou a verdade de algo passado ou mesmo do presente, pois a realidade assim ao contrário do que pensavam os modernos não se dá por uma mera recepção passiva e tão pouco transparente como afirma Albuquerque Junior. Seria também impossível a pretensão das metanarrativas que evocavam uma visão global e objetiva. A apreensão de um conhecimento ou de alguma realidade se dá pelo trabalho do historiador e de suas pesquisas, das problematizações que busca responder. Logo seria impossível um estudo imparcial, assim o trabalho do historiador seria como uma construção sujeita a subjetividade. Michel de Certeau aponta que a verdade estaria subjugada aos limites da pesquisa e certamente influenciada pelo presente do qual o historiador fala. Sendo assim não existiria mais verdade universal, mas verdades. Certeau acredita que dessa forma o historiador não se veria mais preso a visões

definitivas, acabadas, mas buscaria possibilidades, hipóteses a respeito do que pesquisa. (CERTEAU, 1995)

Para Peter Burke, por exemplo, aquele ideal de História objetiva hoje em dia é irrealista. E deixa bastante claro a perspectiva da Nova História ao afirmar: “*Por mais que lutemos arduamente para evitar preconceitos associados a cor, credo, classe ou sexo, não podemos evitar o passado de um ponto de vista particularizado.*” (BURKE, 1992, pp 15). Para esse historiador existe um relativismo cultural que se aplica também à própria escrita da história. Não poderíamos captar a realidade: “... *Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra.*” (BURKE, 1992, p.15). O que se tem são interpretações, logo se abre espaço para o subjetivismo e as múltiplos pontos de vistas.

O que se pode constatar é que a História atualmente passa por uma crise paradigmática, o que não significa que outros modelos como o marxismo tenha desaparecido. Alguns autores mencionam um caos teórico ou a ausência de paradigmas.

Acredita-se que esse desânimo para encontrar algum modelo teórico ou algum ismo para seguir se deve a descrença de um futuro, que agora parece imprevisível. A história seria escrita agora para o presente, pela busca de inquietações do historiador sendo que a pesquisa realizada por ele seria influenciada pelas suas metas e pelo seu presente.

Sabemos que a Nova História surge com o movimento dos Annales de 1929 com Lucien Febvre e Marc Bloch, passando pela geração de Fernand Braudel até a terceira geração dirigida por Jacques Revel e André Burguière, esses historiadores trouxeram novas abordagens e o estudo de múltiplos objetos e pesquisa em fontes inovadoras. Sendo assim diversos estudos foram feitos, tanto na perspectiva cultural, quanto na perspectiva da historia economia, política e social. A política segundo Burke: “... *expandiu-se, no sentido de que os historiadores (seguindo teóricos como Michel Foucault) estão cada vez mais inclinados a discutir a luta pelo poder na fábrica, na escola ou até mesmo na família.*” (BURKE, 1992, pp 8).

Ronaldo Vainfas quando fala sobre a História das Mentalidades e História Cultural, dois novos “seguimentos” da Nova História, nos mostra como se têm ampliado os objetos de estudo da História. Assim nos mostra como exemplo o surgimento da História das Mulheres [*Histoire des femmes*], a história da vida privada e a chamada micro-história. A micro-história ou a *Microstorie* seria antes de tudo para Vainfas o nome de uma coleção Italiana voltada para “*o estudo de comunidades, reconstituição de episódios excepcionais na vida cotidiana de certas populações etc.*” (VAINFAS, 1992, pp.147). Ainda como exemplo, da diversidade dos estudos desta coleção diz que a mesma inclui estudos de biografias exorcistas, de infanticidas, histórias de criminosos entre outros. Logo para tais trabalhos as fontes mais recorridas são as de processos judiciais de tipo inquisitorial. (VAINFAS, 1992).

As novas perspectivas dos historiadores pós-modernos em relação aos novos caminhos que a História deveria seguir fez com que esses de uma forma geral “reformulassem”, ou melhor, dizendo, fizessem certa revisão em todos os campos de estudo historiográficos. A História social, por exemplo, como nos mostra Hebe Castro (1992) nas décadas de 1950 e 1960 inseridas nessa nova perspectiva historiográfica passa pelo apogeu do dialogo com a antropologia estrutural mantendo certas abordagens marxistas, pelo uso cada vez maior da quantificação e pela facilitação de tais métodos com o uso da informática. (CASTRO, 1992, p. 47).

Retornando a Peter Burke este diz que para melhor compreendermos como chegamos a um conceito da inadequação do modelo tradicional historicista e da mudança na postura historiográfica devemos ampliar nosso olhar para além do âmbito de historiador. E assim estar atentos para as mudanças do mundo mais amplo. Logo diz: “... *A descolonização e o feminismo, por exemplo, são dois movimentos que obviamente tiveram grande impacto*

sobre a escrita da história recente...” “... No futuro, é provável que o movimento ecológico tenha cada vez mais influência sobre a forma como a história é escrita.” (BURKE, 1992, pp. 20).

Pode-se concluir que ainda existem trabalhos que permanecem inseridos dentro da perspectiva tradicionalista, contudo há historiadores que acreditam que devido as transformações no campo historiográfico todos profissionais dessa área escrevem dentro da perspectiva pós-moderna. Por esse motivo, não significa que os estudos sobre política, por exemplo, principal foco da historiografia tradicional ainda se enquadre ao paradigma historicista. Tão pouco significa que a mudança de paradigma ou a inexistência de um faça com que a História se torne uma ficção literária. Pois a História não abandonou sua dimensão científica e nem do uso de métodos e teorias que servem para a construção do saber histórico.

A temática abordada é muito complexa, mesmo para os especialistas, muitas questões e problemáticas ainda permanecem indefinidas, a pós-modernidade, também trouxe consigo uma busca por valores mais humanistas, uma preocupação com o indivíduo, com os grupos que há muito ficavam excluídos da sociedade e da História e, também, o resgate de uma relação mais harmônica com a natureza.

4- CONCLUSÃO

Ainda que a pós-modernidade, - assim como a modernidade outrora - tenha surgido como uma forma de repensar, ou mesmo, que drasticamente refutar o paradigma tradicional iluminista acabou trazendo novos apontamentos, reflexões e discussões em relação ao papel da ciência na atualidade e, principalmente, no campo das ciências humanas tem contribuído para (re) pensar o homem e suas relações na sociedade em novas dimensões e perspectivas. Mas, ao mesmo tempo em que estas discussões nos elucidam em relação a determinados conhecimentos novas indagações surgem, por exemplo, até que ponto o paradigma pós-moderno representa uma ruptura de fato com o paradigma moderno? Não seria uma continuidade da modernidade em uma nova fase e contexto históricos específicos? A pós-modernidade surgiu em contexto histórico de incertezas em relação ao futuro, mas, não é nestes momentos de incertezas que se instaura uma nova ordem?

No que diz respeito à História na pós-modernidade esta desde que emergiu e requereu o status de uma ciência sempre se deparou com inúmeros problemas de definição e de método para lidar com suas novas abordagens. Mesmo no campo das ciências e especificamente no âmbito das ciências humanas, o status de cientificidade ou não da História, sempre foi colocado em dúvida e nunca houve uma unanimidade em relação a isto, mesmo, entre os historiadores. Mas, a questão da objetividade, imparcialidade e mensurabilidade do conhecimento, vem sendo colocado em dúvida, mesmo no campo das ciências experimentais. [o que não foi a pretensão de esgotar nesse trabalho]. O que é certo é que na atualidade não se pode falar em uma verdade absoluta, e nesta perspectiva, os historiadores sustentam suas pesquisas tentando de corrigir as falhas ou as problemáticas trazidas pela pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

FLAMARION, C. *Um historiador fala de Teoria e Metodologia*. Bauru-SP: EDUSC, 2005.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a Arte de Inventar o Passado*. In: _____, *História: a Arte de Inventar o Passado. Ensaios de Teoria da História*. Bauru, SP, Edusc, 2007, pp. 53-65.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o Futuro*. Tradução: Mauro w. Barbosa de Almeida. 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 1979, pp. 69-126.

BÂ, Hampaté Amadou. *A tradição viva*. In: ZERBO, J. Ki. (org.) *História Geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Atica/Unesco, 1982.

BERMAN, M., *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*, São Paulo: Comp. Das Letras, 1989.

BURKE, Peter. “Abertura: A Nova História, Seu passado e Seu futuro”. In: _____. *Abertura: A Nova História, Seu passado e Seu futuro*. A Escrita da História: Novas Perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, pp. 7-37.

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1984.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *História e Paradigmas Rivais*. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 1-23.

CASTORIADIS, C. *As Encruzilhadas do Labirinto - I*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 45-59.

CERTEAU, M. de. *A escrita da História*. 2.ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. *A História hoje: dúvidas, desafios, propostas*. 1994.

CHAUÍ, M. et. Ali. *Primeira Filosofia - aspectos da história da filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COLLINGWOOD, R. G. *A idéia de História*. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

CONNOR, S., *A Cultura Pós-Moderna*, SP: Loyola, 1989.

DESCARTES, R., *Meditações, I*. São Paulo: Abril Cultural, 1987. *Col. Os Pensadores* Vol. Descartes).

DROYSE, Johann Gustav. *Manual de Teoria da História*. Tradução: Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, pp. 35-43.

FLAMARION, C. *Os métodos da historia*. Trad. de J. Maia. Rio de Janeiro: Graal, 1979, pp. 21-44, 421-479;

FLAMARION, C; VAINFAS, R. *Domínios da História: ensaio de teoria e método*. Ed. Campus, 1997.

FONTANA, Josep. *La historia después del fin de la historia*. Crítica, 1992, p. 78.

FOUCAULT, M., *As Palavras e as Coisas*, São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx : theatrum filosoficum*. Trad. : Jorge Lima Barreto. Porto : Anagrama. (IFCH - 193/F821n)

HABERMAS, J. *O Discurso Filosófico da modernidade*. Lisboa: Pub. Dom Quixote, 1990, pp. 131-156.

HEIDEGGER, M. *Introdução à Metafísica*. Trad. Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987b.

JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo*. São Paulo: Ática, 1995.

JENKINS, Keith. *Construindo a História no mundo pós-moderno*. In: _____. *Construindo a História no mundo pós-moderno. A História Repensada*. Tradução: Mario Vilela. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 93-108.

KOYRÉ, A. *Estudos acerca da evolução do pensamento científico*. Brasília: Ed. UnB, 1987.

LEVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LOPARIC, Z. *Heidegger e a pergunta pela Técnica*. Cad. Hist. e Fil. da Ciência. S.3, v. 6, n. 2, p. 107-138, jul-dez. 1996.

LYOTARD, J F. *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-moderna*. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. 12º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Eliene Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NETTO, José Paulo. *O que é Marxismo*. São Paulo, Brasiliense, 1895.

NIETZSCHE, F. Wilhelm. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1983.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do Caos à Inteligência artificial*. trad. Luiz Paulo Rounet. São Paulo: Ed.Unesp, 1993.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

TURCKE, Christoph. *O louco: Nietzsche e a mania da razão*. Trad. Antonio Celiomar de Lima. Petropolis, RJ : Vozes, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: _____. CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 127-162.

